

## ALEGORIAS PRA FAZER CABEÇA

OU

### A ARTE DE JOGAR XADREZ COM POMBOS

Desde a pequenina semente da mostarda até as grandiosas montanhas, passando pelas forças desconhecidas dos oceanos e das tempestades, nada escapa ao vezo da fala ou da escrita alegórica. Tudo serve para conformar a rebeldia da mente humana a uma dada situação.

Os gregos, em suas *ágoras* (espaço público de exercício da fala, do discurso), tinham plena consciência de que para falar bem era preciso evocar outra coisa em lugar do que de fato se quer falar. *Allos*, em grego, quer dizer, outro, diverso. Juntando-se a *agoreuein*, que traz a raiz de *ágora*, temos que a alegoria é a arte de falar de outro modo.

O que significa falar de outra coisa em lugar do que de fato se quer falar? Uma mentira? Omissão momentânea da verdade, construção paulatina de um sentido para não chocar o ouvinte ou ainda um recurso estético para encantar pessoas e ao mesmo tempo convencê-las?

Talvez não seja por acaso que os líderes religiosos figuram como os que mais manipulam a alegoria em função de suas crenças. Cismo que entrar em uma religião já é, em si, assumir um grande carro alegórico. Querendo ou não, a pessoa religiosa se vê obrigada a aceitar alegorias e parábolas como modos de construção de verdades aparentemente inacessíveis a uma linguagem mais denotativa, menos polissêmica, mais analítica.

Muito provavelmente, as pessoas que romperam com o discurso religioso são grandes desmontadores de alegorias. São pessoas que tiveram a coragem de cobrar o *veriverbo* (como diz Guimarães Rosa), o caroço duro da sentença: *imagine uma árvore muito frondosa cujos galhos davam guarida a uma centena de pequenos animais*, diz o líder tentando “falar diferente” pra fugir de um problema complexo. Imaginemos que seu ouvinte fosse um desmontador de alegorias: *Não é de árvore que se trata! Eu só vim aqui pra discutir concretamente o problema da moradia em São Paulo, não quero saber de árvores e bichinhos.*

Desmontar alegoria e até mesmo banir as mais vulgares é um recurso que poucos praticam. Daí talvez a eterna repetição das mesmices na poesia, na música brega (sobretudo na música sertaneja contemporânea), nas novelas de televisão, nos livros de autoajuda, na religião ou no verborreia cotidiana que corre caudalosa nas redes sociais. *A criança é flor; a amizade é diamante; a família é sagrada e a palavra de Deus é a semente que dá bons frutos etc.*

Grandes poetas e compositores dedicam-se à quebra dessas crostas de linguagem, que tanto impedem a emergência de um pensamento complexo ou mesmo de uma arte mais elaborada. Quando Chico Buarque escreve, em “Pedacos de mim”, *Que a saudade é o revés de um parto./A saudade é arrumar o quarto./ Do filho que já morreu.*, temos uma renomeação complexa das dores do amor e do luto. Se a saudade dói (*como uma fisgada...*), o extremo da dor está aí, no inominável ato de arrumar o quarto do filho que morreu. Como diz Heidegger, o poeta nomeia as experiências de mundo inacessíveis ou renomeia as já desgastadas pelo uso da linguagem de tal modo que nosso psiquismo se veja na obrigação de rearranjar nosso imaginário, nosso simbólico. Quando a poesia é ruim, quando a alegoria é trilha batida, só há acomodação, não há reflexão, mantém-se tudo na mesmice.

Quando Drummond escreve *Quando eu nasci, um anjo torto desses que vivem nas sombras disse/ - Vai, Carlos, ser gauche na vida*, não deixa de evocar a tradicional aparição de anjos mensageiros, que povoam a bíblia e outros livros sagrados, mas aqui o anjo é torto e vive nas sombras, o que dá uma quebrada na coisa pronta. Evoca aquela complexidade da qual os fãs cotidianos da alegoria barata caem fora, no caso, o *anjo torto* evoca/das *sombras* Deuses e Diabos ao mesmo tempo e corta com seu gume afiado a ideia de que nascer é uma bênção.

Atualmente nas redes sociais, alegorias são trocadas como se fossem brindes que um amigo entrega ao outro na busca de laços mais *sólidos*. O amigo recebe e se extasia e passa adiante a *bela alegoria*. Os olhos da criança, o ouro, o diamante, o pássaro, o poente, a luz do sol coada entre nuvens como a presença de Deus e outras imagens mil vezes repetidas na tradição popular são usadas como significantes ideais que tapam os olhos com aquela falsa segurança. Não raro, elas reaparecem nas músicas e se tornam ainda mais *encantadoras* e como tais vão abrilhantar o consumo na TV e na Internet e, muitas delas, caem direto dentro dos horários políticos. O circuito da alegoria barata vai da religião (e agora com a evangelização na TV a coisa ficou ainda mais patente) à propaganda política, passando por aqueles simpáticos comerciais de bancos que cativam gerações felizes em apenas trinta segundos, durante os quais o indivíduo correntista, ao lado de uma flor, nasce, cresce, tem filhos e netos sempre pareado a cenas de uma vida de luxo, que faz toda a família sorrir angelicamente – encobrem bem a picaretagem dos banqueiros, não?! Quando a gente sabe que essa estratégia é de uma linha da publicidade que se chama *do berço ao túmulo*, alguns até acordam e percebem a sacanagem.

É muito comum alguém responder a uma questão política controvertida com um provérbio ou com alguma alegoria, em vez de reunir argumentos e sustentar bem a tese que quer afirmar. Hoje, como a situação é muito complexa, esquerda e direita perderam seus contornos fáceis, o cristianismo também mostra seu lado demoníaco, a alegoria acaba se oferecendo como elemento de reflexão, como jeito de falar de outra coisa e de cair fora das complexidades reais que as situações políticas atuais nos exigem. Não é por acaso o sucesso de alguns *influencers* que já pegaram as manhas e tem o público cativo nas malhas da alegoria. E o pior que alguns, como Mario Cortella e Leandro Carnal, acabam influenciando educadores com suas falas edulcoradas, mas pouco efetivas em relação às transformações sociais necessárias.

Lembro-me que durante as discussões sobre o *impeachment* da Dilma, o cantor e compositor Lobão, um dos poucos artistas que apoiou o golpe e se posicionou ao lado de Cunha, Temer, Janaína Pascoal, Aécio, Serra, Calheiros, Jucá, Rodrigues Loures (o homem da mala) e outras preciosidades do Senado e da Câmara dos deputados (*preciosidades* é uma ironia, não é uma alegoria), reaproveitou uma alegoria antiga, que foi muito curtida por seus fãs, que mal sabiam que a autoria não era dele. Aliás é aquele tipo de alegoria-formulário, que basta apenas preencher os lugares vazios pra reatualizá-la aos incautos e bobões que gostam dessas coisas. No caso, Lobão aplicou o formulário alegórica pra cima dos petistas: *Discutir com petista é como jogar xadrez com pombos, eles cagam no tabuleiro, derrubam as peças e saem contando vitória*. Os incautos adoram e acham que o cantor acertou na mosca. Mas vamos desmontar a alegoria? Pra isso, é bom retornarmos ao velho e seguro pé da letra.

Quem se propõe a jogar xadrez com pombos não é doido!? Discutir e jogar xadrez podem ser atos humanos comparáveis? Há algum laço ou semelhança que autorize tão comparação? Existe no mundo real possibilidades de jogar xadrez com pombos? Então por que o enunciador insiste nisso? A imagem de jogar xadrez com pombos é dele e não do outro que ele quer implicar.

Por que em vez de argumentar, construir um bom texto sobre os problemas do PT e dos petistas, o cantor prefere uma alegoria dessas? Simples! Alegorias desse tipo são para pessoas despreparadas, pessoas que aceitam que pombos possam jogar xadrez com o cantor! Ativam a emoção, no caso o riso, por isso afeta os de sempre, os incapazes de aprofundar a questão.

Não sou petista filiado (já fui!), mas sou simpatizante, habitualmente voto no PT e considero que a experiência desse partido tem que ser preservada e que seus líderes e militantes devem ser incitados a avançar em suas lutas e compromissos. A experiência do PT (tanto as boas como as ruins) e o compromisso com a classe trabalhadora, com os artistas, com as diferenças todas, nenhum partido tem. Gostaria de discutir com qualquer pessoa sobre a importância do PT nas conjunturas nacional e internacional, mas sem usar alegoria, apenas com argumentos. Discutiria com Lobão e com todos aqueles que acorrem alegorinhos ao seu pombal alegórico. Não iria ao pombal e nem aceitaria jogar xadrez, apenas tenho condições de trazer dados e fatos relevantes pra mostrar a importância histórica desse partido, por mais que tenhamos algumas restrições ou mesmo críticas a seus erros. Depois de muito pensar, a conclusão é que o PT e Lula são os mais viáveis do momento e que deverão fazer parte do amadurecimento do quadro partidário brasileiro.

Outra alegoria muito recorrente é aquela do Rabino que aconselha um pobre camponês a pôr vários animais dentro de casa, após este ter reclamado que sua casa era apertada demais. Ao viver a experiência da casa cheia, o pobre camponês disse que não suportava mais os animais lá dentro. Então, o Rabino lhe dá o xeque-mate alegórico: retire os animais, que sua casa vai ficar bem confortável. Em outras palavras, o líder religioso aí apenas está passando uma mensagem ruim: conforme-se com a sua situação, ela poderia ser pior. Possivelmente disse isso a um pobre, pois um rico, em sua busca de riquezas receberia uma alegoria outra para refletir o quão o rico está nas graças de Deus. Já os pobres, coitados, seriam mesmo desgraçados e não há o que fazer a não ser se conformar com seus apertos (isso também é uma ironia!), mas dão glória, pois segundo Cristo (ou os que escreveram o evangelho nos escondidinhos do Vaticano), *...mais fácil é passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus* (Lucas 18:24-25). Os nobres medievais agradeceram e usaram bem esta alegoria!, que ainda hoje vigora!

Pastores evangélicos alimentam seus rebanhos dizimistas somente com alegorias – aqui ela se torna a grama mais cara do mundo (isso é uma simples metáfora que aproveita um jogo de homofonia, *grama/grana*, mas matizando tudo com a ironia!). Cristo (ou os escribas do Vaticano?) também pretendia dominar a rebeldia de alguns apóstolos e seguidores enquadrando-os com alegorias. O que mais podia usar se pretendia sustentar-se como filho de Deus e pregar um reino que não era deste mundo? Argumentos? Dados? Referências? Estas ele nem quis usar para não entrar em contradição com os profetas do Velho Testamento! Construir seguidores pela fé, arregimentar pessoas que aceitam seguir de cabeça baixa sem questionar, somente com alegorias mesmo!

A alegoria também nos traz à memória os famosos carros alegóricos dos desfiles de sete de setembro, sobretudo na época da ditadura. Era sempre a mesma coisa: um caminhão com a carroceria enfeitada, onde alguns objetos e pessoas compunham um quadro das grandezas do Brasil, timbradas com uma frase bem grande exposta no para-choque dianteiro: *AME-O OU DEIXE-O*. Na época, ainda adolescente, eu já via aquilo como uma pantomima boba, mas havia sempre os que se arrepiavam!

Outra perspectiva interessante é reencontrá-la nas fábulas. Toda fábula é uma construção alegórica, que usa animais personificados e finaliza enunciando uma moral. Algumas são absolutamente terríveis! A do *Cachorrinho e o burro*, da compilação de Esopo, é um exemplo bom! O cachorrinho era o encanto da família, comia bem, vivia no colo das pessoas, frequentava o interior da casa e não fazia nada a não ser gracejos, por exemplo, sentar-se ao pé do patrão e levantar as patas dianteiras. Já o burro trabalhava o dia todo, tomava guasca no lombo e dormia isolado num canto. Um dia, o burro teve uma ideia: por que não fazer como o cachorro, levantar as patinhas e subir no colo do dono!? O resultado foi desastroso, o coitado do burrinho levou mais pancadas ainda e o patrão lhe deu mais trabalho, achando que aquilo tudo era falta do que fazer. A moral da fábula é que cada um deve se conformar com aquilo que é, seria burrice querer ser aquilo que não se é!. Portanto, se vc é empregado nunca tente ser patrão, não se comporte como o burro invejoso! Nunca estude, pois o estudo pode fazer de você aquilo que você não é! Aliás, até desconfio que muita gente não gosta do Lula porque ele contraria essa fábula, é o operário que criou seu próprio discurso político e se tornou presidente, ganhando de muitos cachorrinhos engraçadinhos da burguesia brasileira. Também o racismo e o preconceito se sustentam por aí, a ideia é inativar o diferente, de tal modo que ele fique sempre achando que não pode dar um passo além dos cercados que a sociedade constrói.

Recomendo sempre aos professores que trabalhem fábulas, sim! São preciosas, mas é sempre bom desmontá-las, assumir, no caso do exemplo, o ponto de vista do burrinho. A paródia é um bom recurso para desmontar fábulas e alegorias em geral.

Bem, alegoria pode até ter seu lado bom, aceitável, funcionar como recurso didático, mas é sempre bom desmontá-la e perceber por que a utilizam diante de seus olhos em vez de sustentar a situação com argumentos mais sólidos. Bom saber também que nossa vida, nosso jeito de ser, nosso conformismo ou situação social podem ser resultados de alguma alegoria, que estrutura a nossa vida sem que a gente o saiba!

Aprenda a pular do carro alegórico enquanto é tempo ou vá ao pé da letra e faça pergunta sobre as intenções dos que querem te ver sempre lá.

Claudemir Belintane  
Prof. Livre-docente da FEUSP

